

A arte cria utopias

«Tools for Utopia». Obras seleccionadas de Daros Latinamerica Coleção

A arte rompe com o habitual e abre a perspectiva para novas visões do futuro: a arte cria utopias. No início de cada utopia, existe uma realidade distópica. Assim, «Tools for Utopia» conta-nos a história da opressão política e social, mas também de um despertar cultural. Artistas inovadores desenvolveram a arte abstrata, através da qual quiseram contribuir para um redesenho radical da sociedade. «Tools for Utopia» mostra como a arte se torna numa ferramenta para a mudança cultural, social e política na América Latina. A exposição tem como ponto de partida a tradição da arte abstrata e concreta do Brasil, Argentina e Uruguai, entre outros, na década de 1950 a 1970, apresentando uma visão do trabalho artístico da América Latina.

«As obras de arte podem ser ferramentas práticas para a realização de utopias. A utopia ativa a nossa capacidade de sonhar, tornando-se assim numa arma, bem como numa forma de resistência.»

de Belas Artes de Berna

afirma Marta Dzięwańska, Curadora do Museu

O título da exposição retoma deliberadamente o conceito de «ferramenta». Refere-se à história das obras de arte que, em vários contextos sociais e políticos, tentam ultrapassar a representação dos objetos e procuram espaço para além da moldura do quadro, a fim de se tornarem atores ativos na transformação da sociedade. «Tools for Utopia» engloba um vasto espectro de obras artísticas, desde pinturas, esculturas e instalações artísticas até filmes e fotografia. As cerca de 200 obras brincam com a nossa perceção, inventam novas linguagens ou traçam o ataque aos corpos humanos, onde são desvalorizados e onde a violência deixa os seus vestígios. A exposição fornece uma visão sobre a diversidade do trabalho artístico da América Latina e os temas que ainda hoje movem o continente.

«Ao mesmo tempo que olhamos para este capítulo da arte de uma perspectiva histórica, queremos mostrar a forma como os movimentos artísticos na América Latina funcionaram como força motriz da imaginação cultural, social e política da época. Gostaríamos de perguntar o que resta destas ambições políticas e o que elas podem representar hoje em dia.»

Nina Zimmer, Diretora do Museu de Belas Artes de Berna – Zentrum Paul Klee

A arte como laboratório – para além das molduras

A arte deveria deixar de «representar» para «se tornar realidade», exige o *Grupo brasileiro Ruptura* no seu manifesto em 1952 e tomou uma posição contra «a arte representativa hedonista que serve apenas o mero prazer». O artista uruguaio Rhod Rothfuss abordou pela primeira vez o papel da moldura do quadro na arte contemporânea em 1944, declarando que uma pintura deveria «começar e terminar em si mesma», com a «margem da tela a desempenhar um papel ativo na criação pictórica». Rothfuss chamou a atenção para a margem da obra de arte e, consequentemente, para além da moldura, lançando assim as bases para a Arte Concreta na América Latina. Foi neste espírito que os artistas lidaram com questões semelhantes e se organizaram em movimentos que experimentaram novas experiências visuais. Defendiam-se contra a identidade cultural definida até à data na América Latina. Criticaram a linguagem visual dominante, que apenas retratava acontecimentos históricos, e defendiam a arte como forma de adquirir conhecimento e como um estímulo para o pensamento inovador. Os meios tradicionais de expressão como a pintura, a escultura e o desenho foram deliberadamente negados ou desenvolvidos.

O brasileiro Hélio Oiticica, por exemplo, converteu a pintura em tridimensionalidade e questionou a relação tradicional do público com a obra de arte. Nos seus relevos espaciais (1960), fez com que a «pintura» dependesse do movimento dos espetadores. As obras ficam penduradas livremente no espaço e podem ser vistas de todos os lados. Uma série de trabalhos chamados Op Art também brincam com os sentidos. Aparecem literalmente diante dos olhos: aquilo que vemos não é objetivo. Repetições, padrões geométricos exatos e efeitos de iluminação violentos irritam a percepção humana. A exposição é dedicada a este fenómeno e mostra uma arte que procura moldar a realidade em vez de a representar meramente. As obras de representantes proeminentes da Op Art, tais como Carlos Cruz-Diez ou Julio Le Parc, criam não só ilusões óticas como também capturam todo o corpo do espetador. No caso das obras de Julio Le Parc, os visitantes ficam fisicamente imersos numa experiência de luz. Brincar com os sentidos é mais do que uma exploração lúdica da relação entre a percepção e a realidade: pode ser lido politicamente. Para Le Parc, os efeitos óticos não se destinavam a iludir o público. Pelo contrário, deviam servir como laboratório, no qual os espetadores podem ganhar novas experiências e experimentar.

Da inovação artística à revolução social

O ponto de partida da exposição são obras criadas nos anos 50 a 70 por artistas do Brasil, da Venezuela, do Uruguai ou da Argentina. As obras foram criadas numa época em que muitos países latino-americanos foram destruídos por conflitos nacionais e internacionais e governados por governantes autoritários e corruptos. O próprio artista brasileiro António Dias tinha fugido da ditadura militar no seu país de origem para Paris, em 1966. O seu trabalho deste período tematiza as experiências da repressão no Brasil e a agitação estudantil na Europa. A sua série de pedras de calçada em bronze «To the Police» («dedicado à polícia») (1968), é um comentário irónico dirigido ao poder estatal, tanto no Brasil como na Europa. O apelo à ação torna-se ainda mais claro em «Do It Yourself: Freedom Territory» (1968), onde uma marca de terreno constituída por fronteiras e aberturas indicadas fornece aos visitantes um caminho. O corpo humano torna-se parte da arte e ferramenta da resistência. Mas também um meio de autodeterminação. Regina José Galindo usa o seu corpo como metáfora para a massa coletiva e expõe-se repetidamente a situações extremas, tais como o «waterboarding». Os autorretratos de Ana Mendieta são uma expressão da sua recusa em satisfazer as expectativas do olhar masculino. Na arte, é concedida visibilidade a grupos marginalizados ou a corpos feridos, sejam eles pessoas sem documentos, mulheres em sociedades tradicionais (patriarcais), transgéneros ou povos indígenas. Artistas como o chileno Paz Errázuriz entram em diálogo com pessoas que se tornaram invisíveis na sociedade, e nos seus ensaios fotográficos demonstram sensivelmente a fragilidade das pessoas retratadas.

O **catálogo com 6 manifestos seleccionados e 5 conversações atuais** com artistas da América Latina completa a exposição e constrói uma ponte para o presente. A exposição tenta mostrar até que ponto os movimentos artísticos latino-americanos do século XX atuaram como catalisadores da imaginação cultural, social e política, e pergunta o que significam hoje estas ideias e esperanças. A exposição e o seu catálogo têm como objetivo ligar com visões de arte, política e subjetividade. As conversas com os artistas dão acesso às suas vozes.

Programa de acompanhamento da exposição

Em fevereiro e março de 2021, o Museu de Belas Artes de Berna, juntamente com o «Institute for Studies on Latin American Art» (ISLAA) em Nova Iorque e o Centro Paul Klee, está a organizar um programa académico online intitulado «Interactions». O programa combina palestras e painéis de discussão com cientistas de renome, escritores, curadores e artistas sobre o tema da exposição de arte como uma ferramenta. As informações detalhadas serão anunciadas via kunstmuseumbern.ch/daros.

Durante as quatro visitas à exposição, serão discutidos temas relacionados com estratégias artísticas para se ultrapassar normas, a relação entre arte e política, o exame de envolvimentos neocoloniais e os papéis do género numa cultura dominada pelos homens na América Latina. As visitas serão conduzidas por Eduardo Jorge de Oliveira (Universidade de Zurique), Sara Alonso Gómez (curadora), Denise Bertschi (artista) e Tomas Bartoletti (ETH), bem como Jorge Flores Real (Doutorado, assistente social para profissionais do sexo).

Daros Latinamerica Collection

A Daros Latinamerica Collection, sediada em Zurique, é uma das mais importantes coleções privadas de arte latino-americana contemporânea. Fazem parte da coleção mais de mil obras de mais de uma centena de artistas: trabalhos individuais e grupos de trabalhos em todos os meios e géneros, criados principalmente entre os anos 50 e o início dos anos 2000. O motivo principal da coleção não é a exaustividade enciclopédica, mas sim o significado das obras individuais. Assim, a Daros Latinamerica reúne obras que podem ser lidas em diferentes níveis e nas quais o conteúdo e o meio são combinados de forma significativa. Para mais informações, ver: daros-latinamerica.net

Na **terça-feira, dia 27 de outubro de 2020, às 10h00**, terá lugar uma digressão mediática com a curadora Marta Dziewaska no Museu de Belas Artes de Berna.

Estão cordialmente convidados. Inscrições via press@kunstmuseumbern.ch.

Contacto

Aleksandra Zdravković, Comunicação e Relações Públicas

press@kunstmuseumbern.ch, T +41 (0)31 359 02 05

Visita multimédia ao vivo em inglês às 11h30 (CEST), através do facebook.com/kunstmuseumbern. A curadora Marta Dziewańska e a diretora Nina Zimmer terão todo o prazer em responder às vossas perguntas.

A exposição em resumo**Duração:**

De 30 de outubro de 2020 até 21 de março de 2021

Local:

Museu de Belas Artes de Berna

Número de obras:

Cerca de 200 obras e grupos de trabalho de 43 artistas

Curadora:

Marta Dziewańska, Museu de Belas Artes de Berna

Catálogo da exposição:

Tools for Utopia. Selected works from the Daros Latinamerica Collection.

Publicado por Marta Dziewanska, 92 páginas, 100 ilustrações, capa mole, ISBN 978-3-7757-4837-7 (D/E).